

Olhares duplos

LUÍSA FIGUEIRA e FILIPA VENÂNCIO

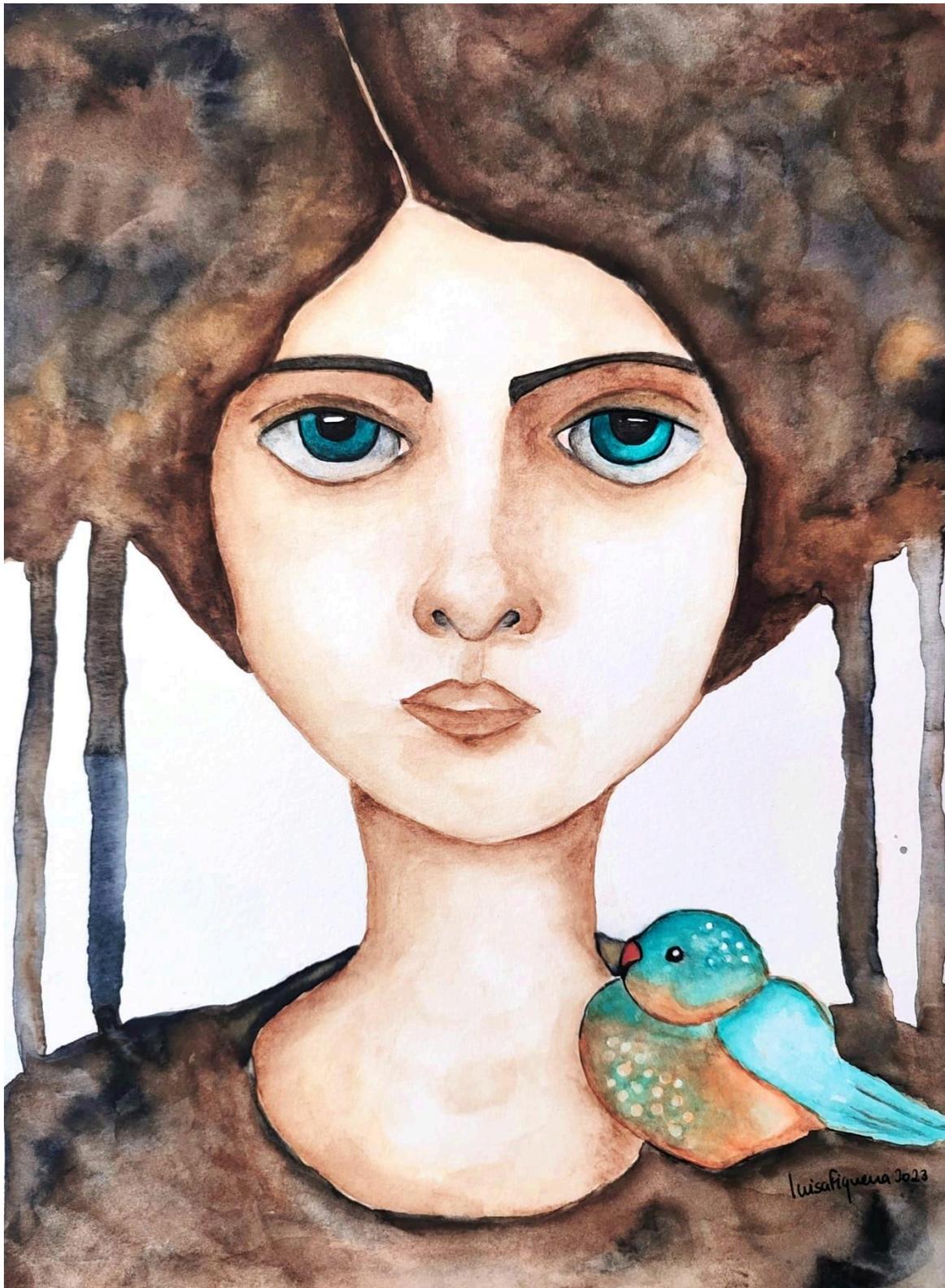
 10.34640/universidademadeira2024figueiravenancio



Luísa Figueira
S/título, aguarela sobre papel, 29,7cm X 21cm, 2023



Luísa Figueira
S/título, aguarela sobre papel, 21cm X 29,7cm, 2023



Luísa Figueira
S/título, aguarela sobre papel, 29,7cm X 21cm, 2023



Luísa Figueira
S/título, aguarela sobre papel, 21cm X 29,7cm, 2023



Luísa Figueira
S/título, aguarela sobre papel, 29,7cm X 21cm, 2023

*Escrever sobre arte e artistas é apontar para “o que ver” e “como ver”,
é ajudar a formar “um lugar-comum”, uma comunidade de olhares.*

Paulo Pires do Vale (2014), “Jerónimo e a Esfinge – Os olhos pensam, a mão vê, a palavra toca”, p.65.

Olhares duplos:

Olhos imensos que nos fixam serenamente. Olhos que são pertença de enigmáticos rostos femininos e nos encaram num *tête-à-tête* longo e demorado...

Podia assim começar esta reflexão sobre uma das mais recentes séries de aguarelas em pequeno formato, com que Luísa Figueira nos presenteou em 2023.

O olhar impactante destas figuras, que nos fitam de soslaio quando as olhamos, mantém-se presente, mesmo depois de deixarmos de as ver, sobrepondo-se à imagem da fisionomia algo etérea que as incorpora.

Sobre outros trabalhos datados de 2019, em que a frontalidade das figuras se impõe no suporte da tela, e quando questionada sobre a sensação de sermos nós, observadores, também observados pelos olhares incisivos e penetrantes das personagens um tanto vagas e aleatórias que povoam as suas pinturas, a artista revela a importância que tem para si o rosto humano e sobretudo o olhar. Também por estes serem cruciais quando se tenta perscrutar a alma humana. Mas não nos deixemos enganar. A singeleza, que destes cinco retratos emana, também pela ausência de fundo, é profundamente aparente.

Na pintura de Luísa Figueira, o retrato é uma constante. Nesta série de dezassete retratos (apenas cinco são revelados neste ensaio visual), podemos constatar a dupla presença de retratados. A figura humana (neste caso, a persistente figura feminina) que percorre todo o seu trabalho faz-se aqui sempre acompanhar por outros seres animados, sejam aves, insetos ou felinos domesticados, fazendo evocar os desenhos de Jenny Scobell, que faz coexistir a presença humana feminina com alguns animais nas suas composições a grafite, óleo e aguarela. Enquanto que nesta a presença animal surge a

ladear as figuras, com retratos de senhoras em pose, sentadas ou de pé, fazendo-se acompanhar pelos seus cães, por exemplo, ou através da repetição de pássaros coloridos a aguarela, inscritos num padrão de fundo monocromático pela constante utilização da grafite, nas aguarelas de Luísa Figueira, os pequenos seres alados surgem ora pousados nos ombros das figuras, ora enroscados displicentemente nos seus pescoços, com a aparência de lânguidos cachecóis em forma de gato ou ainda enovelados e emaranhados nos seus cabelos. Esta miscigenação, entre figuras e formas que se entrelaçam, contribui para uma particular ocupação do suporte, transformando as aguareláveis manchas transparentes, que correspondem a um diáfano e estruturado penteado feminino, num aproveitado e simultâneo fundo.

De facto, a singular relação entre as formas e o fundo é uma das características que trespassa toda a pintura de Luísa Figueira. Na exposição que a artista apresentou em 2018 no *Nini Design Center*, no Funchal, intitulada *Les uns et les autres*, ao longo dos dezasseis retratos ao alto, de figuras maioritariamente femininas e anónimas, pintadas a óleo sobre papel, num formato de 80 por 60 centímetros, a opção foi proceder a grandes planos. Destaca-se o rosto ampliado da modelo e atriz britânica dos anos 60, Twiggy, que ocupa na íntegra o espaço do suporte, naquele que é o primeiro dos retratos avistados na exposição e simultaneamente a sua imagem de divulgação. Os seus imensos olhos realçados com *eyeliner* e pestanas postiças, imagem de marca como ícone da moda, são agora enfatizados na pintura, seduzindo-nos. A escolha, aparentemente aleatória, das personagens retratadas recaiu na representação de figuras tão improváveis na sua convivência, como o retrato de uma mergulhadora japonesa Ama-San, ou da supermodelo Naomi Campbell, pela vontade expressa de representar a diversidade de fisionomias humanas.

Noutra exposição, mais recuada no tempo, em 2014, no espaço *Well.Com*, também no Funchal, intitulada *Aqui não mora ninguém*, a opção foi retratar quase que na íntegra, vários escritores, como Sylvia Plath, Virginia Woolf, Edgar Allan Poe, Florbela Espanca, Óscar Wilde ou Franz Kafka, numa insistência por grandes planos, utilizando para o efeito uma paleta cromática mais contida, em acrílico sobre tela.

A par de algumas figuras desconhecidas, reencontramos na pintura de Luísa Figueira personalidades retiradas intencionalmente não só de referências literárias, como as já mencionadas, mas também musicais, cinematográficas ou históricas, que passam a incorporar, na sua pintura, novos papéis em novos enredos. A própria representação algo despreocupada da figura humana, num misto de realismo com uma linguagem próxima à da banda desenhada, e a ocupação do suporte que evoca alguns dos trabalhos de Chantal Joffe, corresponde a uma pesquisa incessante da artista na pintura, através da exploração

de diferentes técnicas e suportes, permitindo, ainda assim, a identificação de uma matriz em que a sua figuração permanece inalterável.

Esta opção pelo retrato de celebridades encontra-se também no trabalho de outros artistas, como por exemplo Elizabeth Peyton, que explora o retrato de amigos, de figuras históricas ou célebres em pequena escala tais como Jackie Kennedy e o seu filho, Kurt Cobain, Barack e Michelle Obama ou David Bowie. Deste modo, Peyton idolatra-os com pinceladas rápidas e transparentes, executadas *a la prima*, ou através de desenhos mais estruturados. Independentemente do meio explorado, a sua identificação autoral é reconhecida de imediato.

Em Luísa Figueira, igualmente constatamos a existência de uma linguagem muito própria, quer seja nas pinturas a acrílico ou a óleo sobre tela, nas aguarelas em pequena escala ou quando utiliza surpreendentes suportes não convencionais, como capas de livros vazias (2017) - em que adiciona a acrílico retratos de pessoas desfasadas e sem relação com o conteúdo literário -, ou, até mesmo, de um isolado corvo. Acontece o mesmo, quando, em 2018, opta por criar retratos eximamente executados de figuras tão díspares como Camões, Kafka, Woody Allen, Freud, Lucile Ball, Audrey Hepburn, Patty Smith, Twiggy, Pessoa, Eça, Brigitte Bardot, Groucho Marx ou Van Gogh, em improváveis suportes metálicos, utilizando para o efeito, objetos comuns e utilitários tais como pás de lixo, serrotes, espátulas, enxadas, bases de ferros de engomar ou frigideiras e chaleiras, preparados previamente com tinta de ardósia para receber a sua pintura.

Do mesmo ano, temos a considerar o retrato como reinterpretação, nas suas versões de pinturas célebres, como “O Grito”, “Mona Lisa” ou “A Rapariga do Brinco de Pérola” e ainda, em 2021, a recriação em pintura desdobrada da obra escultórica de António Aragão, vulgo conhecida por “Pau de Sabão”, situada no Porto Santo.

Verificamos ainda uma outra estratégia utilizada por alguns artistas que abordam a temática do retrato, como Adriana Molder, pela insistência de se proceder ao chamado retrato de retratos, nas pinturas em que, por exemplo, se observa o retrato de uma morsa na camisola de uma personagem, ou o retrato de Mona Lisa na t-shirt de uma outra figura (2016).

O seu trabalho possibilita ainda, não só uma revisitação de figuras como Agnés Varda, Marlene Dietrich, Kurt Kobain, John e Jackie Kennedy, David Bowie, Maria Schneider, Rainha Isabel II, mas também recria filmes como *Annie Hall*, de Woody Allen ou *Persona* de Ingmar Bergman; capas de disco dos *Sex Pistols* e dos *Beatles*; ou ainda a capa da revista *Vogue*, numa lista de figuras notáveis, próximas a algumas das escolhas de Marlene Dumas, nos seus retratos de Alan Turing, Michelle Obama, Naomi Campbell, Amy Winehouse e Princesa Diana. Isto, a par de retratos de amigos, modelos e figuras políticas,

abordando, através desses retratos, questões como a opressão política, a identidade e o feminismo.

Também encontramos esta preocupação em retratar figuras marcantes e emblemáticas em Luísa Figueira, nos retratos de figuras tais como, Rosa Parks, Angela Davis, Elizabeth Eckford ou Joan Trumpauer Mulholland, de 2018, convocando, assim, para o seu discurso artístico, um certo ativismo contra a segregação racial e em defesa dos direitos civis.

Entretanto, a coexistência no retrato da presença humana com outros seres vivos já tinha sido sublinhada na que foi a sua segunda exposição individual, no *Funchal Ateneu Café*, em 2016, poeticamente designada *Entre o Sono e o Sonho um Animal*. Numa tentativa de aproximação a uma realidade efabulada, Luísa Figueira apresentava, então, um conjunto de personagens híbridas e descontextualizadas que se situavam entre o real e o onírico. Figuras humanas estremecidas, que se faziam acompanhar por disfarces de lobos e por coelhos, gatos e cães azuis, através da justaposição de personagens, a fazer lembrar algumas pinturas de Paula Rego do início dos anos 80, pela utilização de diferentes escalas e sobretudo pela distribuição frontal na tela, de personagens humanas e animais. Como acontece na pintura intitulada “Coelha grávida a dizer aos pais”, de 1982, que podia perfeitamente emparelhar na atitude com “Diálogo matinal” de Luísa Figueira, de 2016, onde uma figura humana parece secretamente escutar uma altiva e bem apessoada gaivota.

Também nestas figuras de 2016 nos sentimos seguidos e observados, desta feita, por melancólicos e nostálgicos olhares que nos fitam com uma certa apatia e indiferença, como que a questionar a nossa presença.

Filipa Venâncio, 2024

Nota Final: A escolha das artistas citadas no ensaio deve-se a algumas afinidades encontradas a vários níveis entre o trabalho destas e o de Luísa Figueira. A seleção apenas feminina é pura coincidência.

Referências bibliográficas:

DO VALE, Paulo Pires (2014), “ Jerónimo e a Esfinge – Os olhos pensam, a mão vê, a palavra toca”, *Júlio Pomar - Tratado dos olhos*, Catálogo, Lisboa: Documenta, Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar.

Luísa Figueira: nasceu no Funchal, onde vive e trabalha. Frequentou o Atelier Livre no Instituto Superior de Artes Plásticas em 1983. Pratica uma pintura em que a figura humana é uma constante. Participou em várias exposições coletivas e individuais desde 1983. Seleção das suas exposições mais recentes:

Exposições Individuais - 2014 - *Aqui não mora ninguém*, Wellcom.bar, Funchal; 2016 - *Entre o sono e o sonho um animal*, Ateneu Café, Funchal; 2017 - *Luisa Figueira*, Wellcom.bar, Funchal; 2017 - *Watercolours*, Living Room; 2018 - *Les uns et les Autres*, Nini Design Centre, Funchal; 2019 - *Wallflower*, Wellcom.bar, Funchal.

Exposições Coletivas - 2014 - *Ao vivo e a cores*, Wellcom.bar, Funchal; 2021 - *ArtUp@Dos Passos*, Centro Cultural John dos Passos, Ponta do Sol; 2021 - *Pensar em Aragão 2 Artistas e o espólio*, Casa Colombo Museu do Porto Santo; 2022 - *Artists of Madeira*, Galeria La Salita; 2022 - *Plano Poético*, Porto Santo; 2024 - *Exposição Coletiva*, Madeira Art Fest .

O seu trabalho de pintura pode ser visualizado nas redes sociais no Facebook @Luisa Figueira e Instagram @luisa_s_figueira_

Filipa Venâncio: Nasceu no Funchal, Madeira, em janeiro de 1965, onde vive e trabalha. É licenciada em Artes Plásticas/Pintura, pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira - ISAPM, em 1991. Concilia o exercício na docência desde 1988, com a prática artística regular. É docente do grupo de recrutamento 600 – Artes Visuais da Escola Secundária Francisco Franco. Desde setembro de 2019, encontra-se em regime de mobilidade, requisitada na Direção Regional da Cultura, no desempenho de funções técnico - pedagógicas nos serviços educativos da Quinta Magnólia - Centro Cultural. Como pintora, expõe regularmente desde 1987. Participou em várias exposições coletivas e em parceria, mas privilegia os projetos a solo. Recorre frequentemente a projetos que problematizam uma certa ideia de espaço e lugar, onde a casa e as volumetrias arquitetónicas são protagonistas, através da construção de conjuntos pictóricos sequenciais, com ou sem pendor narrativo. Alia, ainda, a ironia e o humor ao seu território da pintura, através de processos de revisitação, desconstrução e descontextualização. Nas suas exposições individuais mais recentes - *A Sala da Senhora Take 2*, Quinta Magnólia- Centro Cultural, 2024; *A Sala da Senhora*, Palácio de São Lourenço, 2023; e *Casa da Capela*, Capela da Boa Viagem, Funchal, 2021 - o enfoque passa pela apropriação de referentes cinematográficos em contraponto com lugares reais.